

O CORPO BIOCULTURAL

EA
DESCONSTRUÇÃO
DE GÊNERO NA
ESCOLA



QUEER

Imagem retirada da internet.

ORIENTAÇÃO SEXUAL
NÃO TEM RELAÇÃO COM GÊNERO. →
- AFETIVA
- SEXUAL
PESSOAS ASSEXUAIS PODEM TER ATRAÇÃO AFETIVA.
Pessoas assexuais podem ter atração afetiva.
Pessoas assexuais não se relacionam com árvores!
SIGNIFICA SE ATRAIR POR MAIS DE UM GÊNERO, NÃO NECESSARIAMENTE APENAS 2.GAYS
LÉSBCICAS
BISSEXUAIS
ASSEXUAIS
PANSEXUAIS
HETEROSSEXUAIS
ETC.AMAB - PESSOA QUE FOI DESIGNADA HOMEM AO NASCER
AFAB - PESSOA QUE FOI DESIGNADA MULHER AO NASCER
LÉSBCICAS SOFREM LESBOFOBIA!
PRECONCEITO:
HOMOFOBIA NÃO ENGLOBA TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E PESSOAS TRANS!BANDEIRA GAY
ATÉ AS BANDEIRAS SÃO DIFERENTES!
PESSOAS TRANS SOFREM TRANSFOBIA!
É A TRAVESTI, E NÃO O TRAVESTI!**IDENTIDADE DE GÊNERO**
TRAVESTIS
TRANSEXUAIS
TRANSGÊNEROS
NÃO-BINÁRIAS
GENDERQUEER
ETC.
NÃO É SÓ ISSO!
NÃO É NATURAL, É CONSTRUÍDA SOCIALMENTE!
TÁ MAIS PRA ISSO!
TRANS ENGLOBA AS IDENTIDADES BINÁRIAS E NÃO-BINÁRIAS.
NÃO É UM TERMO →
NÃO USE MAIS O TERMO GUARDA-CHUVA!
BISSEXUAIS SOFREM BIFOBIA!
O CORRETO É INTERSEXO E NÃO HERMAFRODITA!
FTM
MTF
ASTERISCO!CIS ≠ TRANS
HÉTERO ≠ HOMO
EXISTEM PESSOAS TRANS QUE SÃO HETEROSSEXUAIS.
BANDEIRA TRANS

Imagem retirada da internet.

APRESENTAÇÃO

Prezada professora, prezado professor

Nunca antes falou-se tanto sobre ele. Está presente nos jornais, nas revistas, nos *sites* da *internet* e nos inúmeros programas de televisão. *Gênero* também está no centro dos debates acadêmicos – sempre acalorados, diga-se, de passagem – e movimentos civis! Mas, e quanto a você? Sabe defini-lo ou mesmo abordá-lo na tua fala docente?

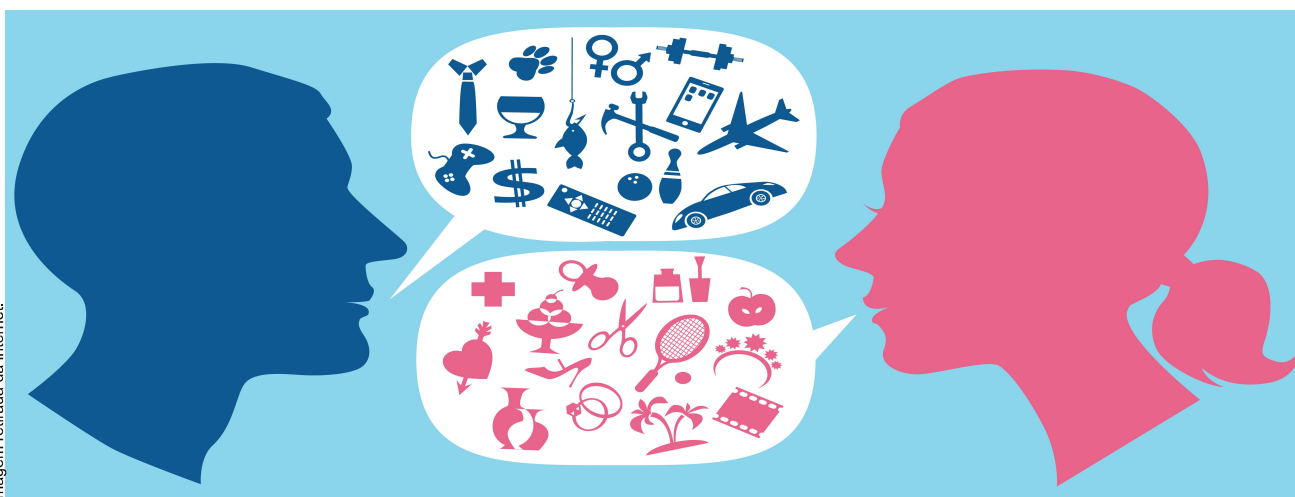
Em um mundo cada vez mais plural, questões ligadas ao gênero podem (e devem) ser abordadas dentro dos espaços privilegiados, como a sala de aula, por exemplo. Isto se faz necessário, pois é preciso acabar com o preconceito a tudo que é "desviante" do padrão dito "normal". No entanto, o tema identidade de gênero provoca verdadeiro furor entre professores e gestores das escolas da Educação Básica. Há um tom de inadequação quando estas três palavras estão juntas numa mesma frase.

Apenas respeito, embora necessário, não é suficiente. Combater o preconceito auxilia na diminuição da violência perpetrada contra as mulheres, os *gays*, as travestis etc. O Brasil é o país com os maiores índices de assassinatos a transexuais no mundo inteiro. Esta violência tem origem no machismo, um dos pilares no qual a sociedade brasileira está alicerçada. Devido a heteronormatividade compulsória, todos os dias morre, em média, um LGBT no país.

Desse modo, a presente cartilha propõe-se a esclarecer-lhe a respeito do conceito de gênero e quebrar os tabus que afirmam ser impossível associá-lo a prática docente. Aqui vai a primeira lição: nesta, adotou-se o termo gênero como uma ferramenta analítica. Ao longo da leitura, este conceito será esmiuçado por diferentes perspectivas para que você possa compreendê-lo de um modo holístico.

Também será debatido o conceito de *corpo biocultural*, bem como maneiras de atrelá-lo as questões de gênero no ensino do corpo humano em sala de aula. Obviamente, não se pretende esgotar o debate sobre o assunto, mas sim proporcionar a você, professor ou professora, ferramentas possíveis de serem utilizadas em suas aulas. Além disso, sempre é bom aprender um pouco mais, não é mesmo?

Michel Lopes Leite



Afinal, o que é gênero?

Por muitos séculos, as mulheres foram tratadas como menos capazes do que os homens. Havia, inclusive, teorias científicas que buscaram corroborar essa premissa e até criaram uma classe de enfermidade exclusiva à mulher: a histeria feminina. Esta, seria a responsável pelo comportamento irritadiço e temperamental da mulher. No final do século XIX, a sociedade europeia viu surgir os primeiros movimentos feministas – que na época não se intitulavam de tal modo.

Não há como falar das questões de gênero sem adentrarmos nos movimentos feministas – pois foi no âmbito destes que àquele foi no âmbito destes que àquele foi produzido. Em princípio, foram as mulheres inglesas que protagonizaram as lutas em prol do sufrágio, seguidas pelas alemãs, as norte-americanas e também pelas brasileiras. As reivindicações iniciais eram bastante claras: elas buscavam sua representação política e social. Para tanto, seria necessário conquistar o direito ao voto, pois apenas desse modo, as mulheres poderiam ter uma

identidade representacional. Em 1909, a "primeira onda" do feminismo, como ficou conhecido o movimento décadas depois, chegou ao Brasil. Tendo como sua principal expoente e líder a bióloga Bertha Lutz, que retornou ao seu país após um período no exterior e iniciou a luta pelo direito das mulheres ao voto. Todavia, note que elas estavam mais preocupadas com questões de cunho imediatistas como a representação social e política da

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher"

mulher, por exemplo. Não havia a preocupação em realizar abordagens no âmbito filosófico. As feministas não buscavam compreender a origem e a manutenção da opressão que as mulheres eram (e ainda são) submetidas. As mulheres apenas lutavam pelo reconhecimento político, para que pudessem votar, bem como serem votadas e decidir sobre o seu futuro na sociedade.

A partir da segunda metade do século XX, as feministas anglo-saxã adotaram o termo gênero como uma ferramenta de análise, rejeitando o determinismo biológico. Assumiram que gênero nada mais é do que uma construção social e histórica, fruto das relações socialmente desiguais entre homens e mulheres. Negaram o sexo como prerrogativa natural para o tratamento que era perpetrado às mulheres. Para elas não haviam bases genéticas ou mesmo inerentes à natureza humana que justificassem os comportamentos biologizantes que homens e mulheres tinham que performatizar. Iniciou-se assim uma nova era aos ditos "estudos da mulher". Em 1949, Simone de Beauvoir escreveu, em seu célebre livro *O segundo sexo*, a seguinte máxima: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher". Marcando profundamente toda uma geração. As feministas buscavam meios que legitimassem as suas ideias a respeito da submissão lhes imposta pela sociedade patriarcal. Gênero passou a ser utilizado, e ainda o é, como

sendo um conceito contrastante ao de sexo. Na tentativa de desnaturalizar a opressão experimentada pelas mulheres na sociedade desde os tempos imemoriais, refutaram os discursos nos quais todos os atributos femininos são consequência da condição da mulher. Deste modo, características ditas masculinas ou femininas formam desmistificadas

mulheres grávidas a respeito do sexo do bebê. Ou seja, desde antes de nascer a criança irá ser encaixada em um dos dois papéis sociais: masculino ou feminino. Não sendo possível, portanto, a escolha de um outro caminho. Esta dicotomia entre homem e mulher é criada e normatizadas a partir de convenções, ou seja, ela é fomentada a partir de acordo sociais, nos quais reconhece

Precisamos saber onde encaixar, ou como chamar uma pessoa que apresenta algumas características específicas.

No entanto, isso provoca um sofrimento terrível. Observe a imagem (ao lado) de um garoto usando um vestido e uma tiara, peças "comuns" do armário do sexo oposto. Seu nome é Romeo Clarke, ele teve notoriedade mundial há dois anos atrás (2014) por usar vestidos. Sua justificativa é de que eles seriam confortáveis e brilhosos. Ele foi impedido de ir à escola para não "confundir" as demais crianças.

Mas, existe um jeito de se vestir de mulher? Isso é natural ou é algo naturalizado pela sociedade? Porque é tão impactante um garoto usar um "vestido de princesa"? Este pensamento heteronormativo é o cerne da violência (homofobia, por exemplo) enfrentada pela população LGBT. Precisamos falar sobre gênero nas escolas hoje mais do que nunca! É necessário formarmos pessoas menos preconceituosas e, acima de tudo, conscientes sobre os padrões que lhe são impostos pela sociedade.



"Durante sua concepção, o indivíduo recebe sua marca, sendo esta a de homem ou a de mulher"

como sendo algo intrínseco à natureza humana e denunciadas como meros aparatos de dominação. Passou-se a questionar os papéis, bem como os atores, sociais.

Os sociólogos do gênero enfatizaram que são os processos sociais, ao invés dos biológicos, que fornecem subsídios para a produção do gênero de uma pessoa. Assim sendo, gênero, diferentemente de sexo biológico, se configura como um conceito mais útil para as identidades, papéis e expressões que distinguem os corpos ditos masculinos daqueles considerados como femininos dentro de uma dada sociedade. Este conceito seria o modo de as feministas criarem uma unidade representacional, que fosse capaz de libertá-las de toda a opressão sofrida ao longo da história por meio do patriarcado.

Durante sua concepção, o indivíduo recebe sua marca, sendo esta a de homem ou a de mulher. É muito comum questionarem as

se um indivíduo pertencente a um dos universos: o masculino ou o feminino. Essas deliberações são feitas por meio do órgão sexual que



que este possui, pois há certos comportamentos que são "naturais" a um determinado sexo.

"Meninos não choram", não foi isto que lhe ensinaram? "Meninas devem ser delicadas", não é mesmo? Não! Esses comportamentos são impostos aos indivíduos. Talvez esta seja a grande questão: somos seres racionais e que possuímos uma estranha necessidade de denominar, de agrupar, de montar os pares.

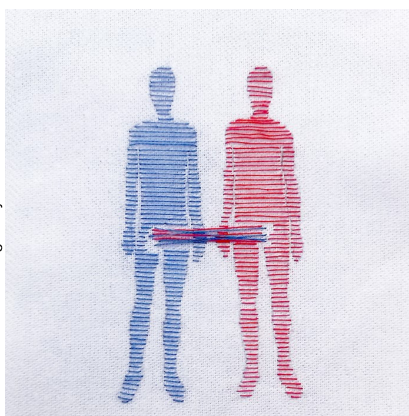


Imagem retirada da internet.



Vamos falar sobre diversidade?

Diversidade: "s.f. Pluralidade; reunião de que contém vários e distintos aspectos, características ou tipos: a diversidade de comentários sobre o texto". Esta é uma das definições para esta palavra segundo o *Dicionário Online de Português*. Mas a diversidade que iremos tratar aqui é a de gênero, claro! Você sabia que recentemente (abril de 2016), a Comissão de Direitos Humanos de Nova Iorque passou a reconhecer 31 diferentes tipos de identidade de gênero? E você, quantos tipos você conhece? Além disso, você sabe definir o que é a orientação sexual ou mesmo diferenciar indivíduos cisgêneros, transgêneros e agêneros? Se sua resposta foi negativa para a maioria dessas perguntas, relaxe! Não entre em desespero. Você saberá de tudo isso e um pouco mais ao longo dessa leitura. Afinal, é muito importante estarmos atualizados a respeito de questões tão importantes. Não acha?

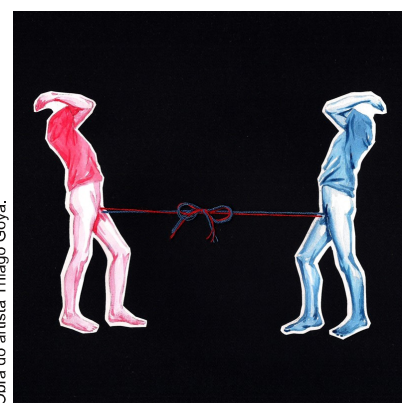


Obra do artista Thiago Goya.

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Podemos decidir por quem devemos nos sentir atraídos ou atraídas? Possivelmente você deve ter pensando prontamente, "Não mesmo!". Levantei esta questão para que você, leitor ou leitora, reflita sobre, pois diferentemente do que é veiculado nas grandes mídias, ou propagado nas conversas cotidianas, orientação sexual não é uma escolha. Ela é a capacidade de uma pessoa sentir-se atraída – afetiva, emocional e sexualmente – por outra, podendo esta ser do mesmo sexo, de sexo diferente ou ser atraído por ambos os sexos ao mesmo tempo. Assim

sendo, é inadequado referirmos a ela como "opção sexual", pois há uma deslegitimação dos indivíduos que não se enquadram à norma. À essas pessoas são negadas o direito de existir ou mesmo de se colocarem no mundo como realmente são. Abaixo estão algumas das principais categorias referentes a orientação sexual. **Gay**: refere-se a uma pessoa do sexo masculino que se sente atraído por outra pessoa do mesmo sexo que o seu, ou seja, homens que se sentem atraídos por outros homens. **Lésbica**: pessoa do sexo feminino que se sente atraída por outras do seu mesmo sexo. Ambos apresentam a orientação sexual



Obra do artista Thiago Goya.

homossexual. Os indivíduos **heterossexuais**, são aqueles que se sentem atraídos pelo sexo oposto, ou seja, as pessoas do sexo masculino se sentem atraídas pelas do sexo feminino e vice-versa. Já aquelas pessoas que se sentem atraídas tanto por outras do mesmo sexo que o seu, quanto pelo sexo oposto são consideradas como indivíduos **bissexuais**.

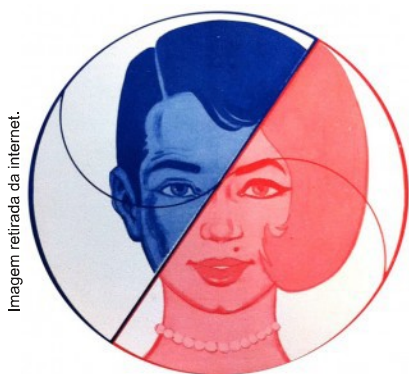


Imagem retirada da internet.

CISGÊNERO, TRANSGÊNERO E AGÊNERO

Algumas décadas atrás, você "precisava" saber somente se era heterossexual ou homossexual, certo? Bom, atualmente apenas essas duas "classificações" não são mais o suficiente para dar conta de tanta diversidade de gênero e de orientação sexual existentes. Assim sendo, criaram outros termos para ser possível abranger toda essa gama de identidades, para que o indivíduo tenha seu devido reconhecimento. Afinal, nomear é significar algo. Desse modo, significaram, ressignificaram e expandiram as noções relacionadas à sexualidade humana e às questões de gênero. Você se considera como sendo um indivíduo cisgênero, transgênero ou agênero? Se ficou em dúvida, não se preocupe. A seguir estão os significados dos termos.

Cisgênero (cis do latim "deste lado") é o termo utilizado para se referir ao indivíduo no qual o seu senso de identidade pessoal e de gênero correspondem ao seu sexo/gênero de nascimento. Em outras palavras, é aquele ou aquela que se identifica como sendo pertencente ao gênero que lhe fora compulsoriamente designado em seu nascimento. Exemplificando, um homem que nasceu "pertencente" ao gênero masculino (por apresentar um pênis) e se reconhece socialmente como tal. Do mesmo modo ocorre, por exemplo, com uma mulher, na qual nasceu com uma vagina, e devido a isso foi designada como mulher e que se reconhece como tal. No entanto, cisgênero não é sinônimo de heterossexualidade. Um indivíduo pode se identificar como sendo cisgênero, mas ser homossexual como, por exemplo, os indivíduos que se consideram gays e lésbicas. Ou seja, se identificam com o gênero lhes imposto em nascimento, mas que se sentem atraídos por indivíduos do mesmo gênero/sexo que o seu.

Transgênero é o oposto do cisgênero. O indivíduo não se identifica com o gênero que lhe fora, compulsoriamente, designado no seu nascimento. Ou seja, o indivíduo não se reconhece como sendo pertencente ao seu "gênero de nascença". Podendo ser um homem transgênero (um indivíduo que nasceu em um corpo feminino, mas se reconhece como pertencente ao masculino), uma mulher transgênero (uma pessoa que

nasceu em um corpo masculino; no entanto, não se enxerga como tal). Em diversos casos, as pessoas trans realizam a cirurgia denominada de redesignação de sexo – nunca se refira a esta como "mudança de sexo", pois não há uma mudança, apenas uma adequação do corpo ao seu gênero. Quando nos referimos a "mudança de sexo", estamos descaracterizando o que a pessoa é. Ela não "virou" uma mulher, ela sempre foi, apenas estava aprisionada em um corpo anatomicamente distinto do que de fato ela é: uma mulher. É possível um homem possuir uma vagina, ou uma mulher possuir um pênis? A resposta é SIM! Afinal, em se tratando de identidade de gênero não é a genitália que define o que somos. Observe a imagem abaixo. O que você vê? Aposto que sua resposta foi: "um homem". Você está certo (a), de fato é um homem. Seu nome é Buck Angel, ele é um homem trans americano que possui uma vagina e vive muito confortável com essa situação. Angel nasceu em um corpo feminino, mas sempre soube que era um homem. No entanto, ele optou por não realizar a redesignação sexual, pois ele acredita que a genitália não o define como homem. No Brasil, temos a Nany People, foto na página seguinte, como exemplo. Ela é uma mulher trans que também não realizou



Buck Angel. Fonte: <http://umfrancisco.wordpress.com>

a redesignação. Nem por isso ela é mais ou menos mulher. Existem mulheres trans heterossexuais, ou seja, pessoas que nasceram em um corpo masculino, mas se reconhecem como mulheres; no entanto, sentem-se atraídas por homem. Elas não são homossexuais (*gays*), pois não são indivíduos que se sentem atraídos por outros do mesmo sexo. Há mulheres trans homossexuais. Pessoas que nasceram aprisionadas em um corpo dito masculino, mas se reconhece como mulheres e que se sentem atraídas por outras mulheres. Novamente, note que não se trata de um homem heterossexual, mas sim de uma mulher trans homossexual. Pois é! Existe uma gama enorme de identidade de gênero e não apenas o binarismo: homem e mulher – "sempre" heterossexuais, como via de regra, "obviamente".



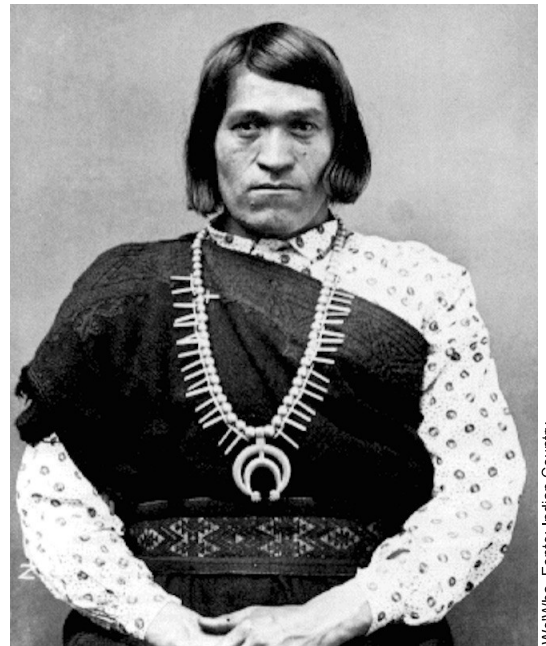
Nany People. Imagem retirada da internet.

Agênero é um termo que se refere aqueles indivíduos que não se identificam ou não se reconhecem como pertencentes a nenhum dos gêneros existentes. Simplesmente são não-gênero. Não obstante, ainda há uma quantidade considerável de gêneros – há aqueles que defendem haver o mesmo número de gênero quanto o de pessoas no mundo. Ainda há uma outra definição. **Gênero fluido:** refere-se aos

indivíduos que transitam entre os dois (ou mais) gênero existentes, ou seja, ora ele pode se identificar com os signos do feminino, ora com os do masculino. No entanto, pessoas com gênero fluido não necessariamente se vestem com um único estilo, elas podem apresentar, ao mesmo tempo, alguns elementos de dois ou até mesmo de mais gêneros.

Será que estas temáticas são invenções da sociedade moderna?

A resposta para a sua pergunta meu caro leitor é não! Antes mesmo da chegada dos colonizadores europeus ao novo mundo, os nativos norte-americanos já reconheciam entre três a cinco diferentes tipos de identidade de gênero. Como, por exemplo, **Mulher, Homem, Two Spirit Female** (Dois Espíritos Femininos), **Two Spirit Male** (Dois Espíritos Masculinos) e **Transgênero**. Para eles, as pessoas *Two Spirit* possuíam dois espíritos e, portanto, podiam transitar entre os dois universos. Eles ocupavam os postos de maior prestígio e eram respeitados por todos da tribo. Na foto acima está o We'Wha um *Two Spirit* pertencente a Tribo Zuni. No entanto, com a chegada dos colonizadores e das missões jesuíticas, estes indivíduos foram forçados a "deixarem o pecado", bem como foram obrigados a se vestirem de acordo com o seu sexo biológico. Tudo isso causou um grande impacto cultural, pois antes as pessoas *Two Spirit* eram vistas com certo ar de divinização, mas com o passar do tempo foram marginalizadas e até mesmo

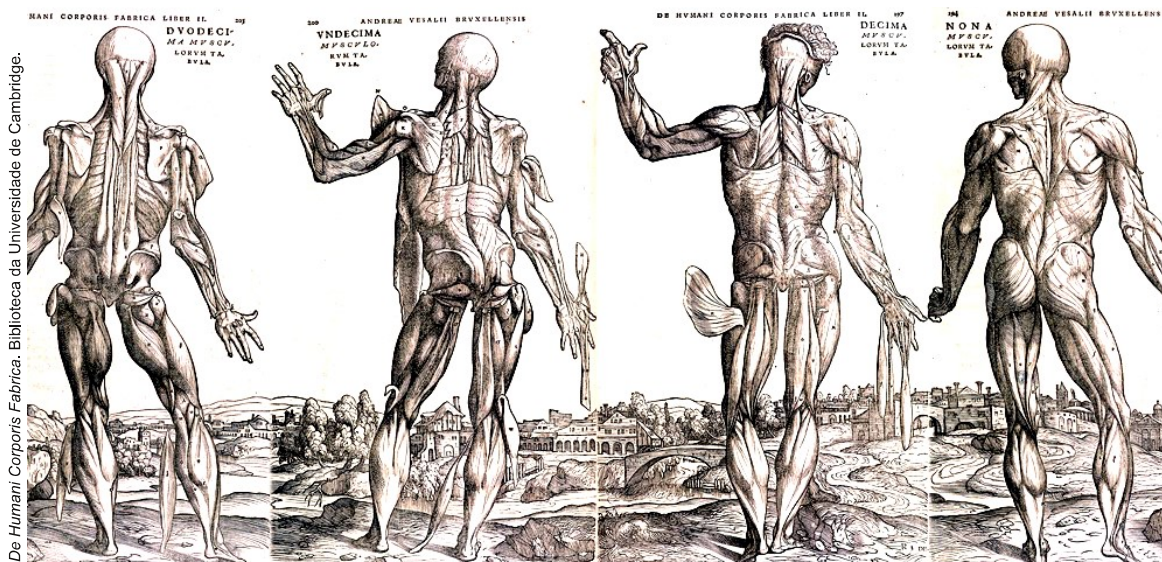


We'Wha. Fonte: Indian Country

exterminadas. Há um movimento crescente dos nativos para resgatar a cultura. Os indígenas brasileiros apresentavam comportamentos sexuais considerados, para os povos "civilizados" que vieram colonizar o nosso país, como "desviantes". Os índios tratavam de modo natural o sexo e a sua prática, algo que desagradou profundamente os europeus. Seus atos "luxuosos" foram duramente reprimidos pelas missões, seus corpos cobertos (ao menos tentaram), pois para os europeus a nudez os aproximava dos animais irracionais. As relações homossexuais (as masculinas, principalmente) foram reprimidas com prisões. Os "sodomitas" foram, inclusive, enviados à Portugal para serem julgados por seus crimes de libertinagem, impróprios aos costumes da época.



Imagem retirada da internet.



De Humani Corporis Fabrica. Biblioteca da Universidade de Cambridge.

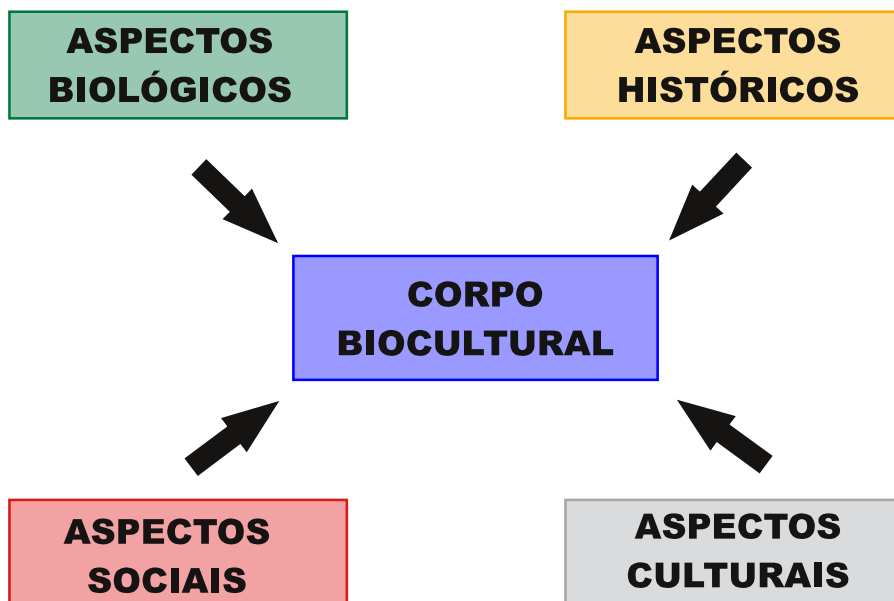
O corpo biocultural

O corpo humano é objeto de intenso controle, pois seus gestos devem obedecer uma lei natural na qual os homens apresentam “naturalmente” os comportamentos masculinos e as mulheres os femininos. Ele é qualificado de acordo com atributos físicos e devido a isso deve se comportar em consonância a uma das duas opções de gênero. No entanto, isso não é algo pertencente a natureza humana, não nascemos homens ou mulheres, mas sim aprendemos agir como tal. Somos aprisionados em modelos que são exclusivamente alicerçados nos nossos órgãos sexuais.

Desse modo, a escola é uma das instituições responsáveis por modelar os corpos, ou seja, ela é incumbida de ensinar aos indivíduos quais gestos, jeitos e trejeitos são socialmente aceitos como atributos masculinos ou femininos. Assim sendo, os corpos dos estudantes são submetidos a um processo de escolarização no qual lhes possibilita suportar incessantes horas sobre cadeiras desconfortáveis bem como

manter um ambiente controlado, criando a falaciosa impressão de que o discente está prestando atenção no que está sendo abordado em aula. Outra instituição que pode ser mencionada é a Igreja na qual exerce uma influência sobre determinados comportamentos no seio familiar. Esses comportamentos impostos aos corpos ditos escolarizados, em parte, se devem ao fato de que estes são compreendidos como uma constituição puramente biológica, ou

seja, todas as outras dimensões que compõem o corpo humano são desconsideradas, resultando em um engessamento do próprio ensino deste último na sala de aula. No entanto, não somos feitos apenas de átomos, células, tecidos e sistemas. Há diversos outros fatores que compõem o nosso corpo, dos quais não devemos desconsiderar e que nos fornece uma identidade única, fazendo de nós humanos, de fato.



Esquematização dos principais aspectos que compõem o corpo biocultural.

Os homens e as mulheres, bem como todos os seus atos, são bioculturais. Deste modo, é impossível dissociar os aspectos culturais, sociais e históricos do corpo humano, pois são aqueles que produzem este último. Assim como o gênero, o corpo também é construído socialmente, afinal, os traços caracterizam os corpos ditos masculinos dos femininos.

Portanto, a noção de corpo também é percebida pela ótica heteronormativa. O corpo biocultural, tema central e norteador das reflexões feitas neste texto, é o resultado da fusão de diversos âmbitos que permeiam o indivíduo, tais como os aspectos biológicos, sociais, históricos e culturais (imagem na página anterior). Assim sendo, são nestes diferentes campos que ocorrem as inter-relações entre as questões de cunho biológico e as que são compreendidas como sociais, ou seja, o corpo dialoga com todas elas de modo que, ele próprio assume o *status* de biocultural.

Você já deve ter ouvido a expressão "você é o que você come". Não apenas sua dieta lhe define. As interações interpessoais, os aspectos culturais nos quais você

está inserido (a), questões sociais e aspectos históricos lhe dão forma como indivíduo possuidor de um corpo. Desse modo, está obsoleta a ideia de ensinar o corpo humano em sala de aula abordando apenas os aspectos biológicos. Nós, seres humanos, somos muito mais do que um aglomerado de células organizadas em tecidos e órgãos tentando sobreviver para passar os genes à próxima geração. Portanto, não devemos abordá-lo em sala de aula considerando apenas os seus aspectos biológicos.



Obra do artista Travis Bedel.

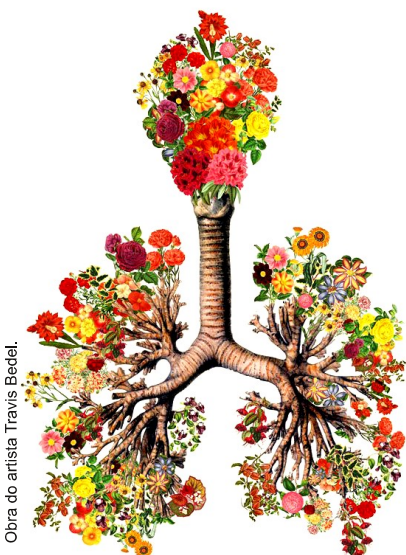


Obra do artista Travis Bedel.

Embora estes sejam importantes para entendermos seu funcionamento, não podemos encará-lo simplesmente como uma máquina, pois esta visão biologizante desconsidera outros aspectos que poderiam, inclusive, desconstruir alguns paradigmas sobre sexo, sexualidade e identidade de gênero. Cada indivíduo é uma profusão de muitos outros, uma vez que compartilhamos experiências e visões de mundo que deixam marcas profundas na composição do nosso corpo, ou seja, em nós mesmos enquanto indivíduos.

Um indivíduo não pode ser reduzido em seu sexo, pois antes de mais nada, ele é possuidor de um corpo, no qual é composto por inúmeros outros fatores. Ele traz consigo todas as marcas que o tempo pode escrever – sendo, portanto, um livro no qual podemos ler a história de uma pessoa. Assim sendo, é cruel, simplista e inverossímil ensinar que o homem assim o é entendido por apenas possuir um pênis e a mulher uma vagina. Essa é uma visão pobre, distorcida e reducionista de toda a complexidade que o corpo humano apresenta.

Vivemos em um mundo que não se sustenta mais numa visão maniqueísta. Hoje o vemos a partir da ótica pós-estruturalista, na qual essas dicotomias não fazem sentido. Não há espaço para divisões bem marcadas entre bem-mal, homem-mulher, masculino-feminino. Há muitas outras coisas que podemos ser sem deixarmos de sermos quem somos. Portanto, precisamos fomentar o respeito ao "diferente". E que modo melhor de fazê-lo do que ensinar o corpo humano como biocultural em sala de aula, não concorda comigo?



Obra do artista Travis Bedel.

Respeite os manos, as minas

e as monas



Imagem retirada da internet. Fonte: <http://www.out.com/>

Educar é muito mais do que simplesmente “passar o conhecimento”. É possibilitar que o estudante seja capaz de decodificar e interpretar o mundo no qual ele está inserido, ou seja, é proporcionar aos discentes a sua emancipação enquanto indivíduo pensante. Assim sendo, o ato de educar vai muito além do que meras repetições de um determinado conteúdo, trata-se de formar um cidadão integralmente consciente sobre o seu papel na sociedade.

Para tanto, é necessário que o docente não reproduza, em sala de aula, um discurso que reafirme o machismo, o sexismo e a homofobia. Você se preocupa com o que é falado tanto pelos os estudantes quanto por você no ambiente escolar? Ou ainda, você reflete sobre o poder que suas ações e convicções exercem sobre os seus discentes?

O machismo é algo tão arraigado dentro de nós que,

provavelmente, você já deve ter se surpreendido com um garoto “com a letra bonita”, pois isso é um código pertencente ao universo feminino. Pois é, isso também é machismo!

Ele está nos pequenos gestos diários dentro da escola. Toda a organização escolar, na verdade, é machista, opressora e excludente. Pois bem, Artes, Letras e demais disciplinas relacionadas às humanidades são “coisas de menina”, já Matemática, Física e matérias de exatas e a fins são “coisas de menino”. Isso é uma falácia! Independentemente do gênero ou sexo, todos temos potencialidades que podem ser



Foto cedida por: Webert da Cruz Elias

exploradas, mas que, em sua grande maioria, não são devido ao fato que seria “transgressor”. Não obstante, infelizmente, ocorre algum processo dentro da escola que mantém estes estereótipos, resultando em uma desmotivação nos discentes. Tais práticas impactam diretamente na formação tecnológica-científica, pois muitas jovens que poderiam ser brilhantes cientistas são tolhidas por essa lógica sexista de que elas “estão mais para as humanidades”. Obviamente, há aqueles e aquelas que conseguem subverter essa

lógica falaciosa e seguem caminhos considerados “incompatíveis” com seu sexo ou mesmo com sua identidade de gênero.

A composição de uma sala de aula é extremamente diversificada. Há gays, lésbicas, transgêneros, bissexuais, agênero, heterossexuais etc., portanto, você, professora e professor, deve estar preparado e, acima de tudo, consciente do seu papel enquanto educador. É preciso criar um ambiente livre de preconceitos e de estereótipos, isso é algo possível embora seja oneroso. O respeito a diversidade deve ser algo presente na sua fala enquanto docente e em seus gestos. Deste modo, será possível fomentar um ambiente acolhedor aos “ditos diferentes”, podendo, inclusive, ocasionar na diminuição da evasão escolar por parte desses indivíduos “desviantes à norma”. Debater sobre a diversidade em sala de aula além de ser um outro modo de promover cidadania é também uma conduta ética, pois todos somos iguais mesmo que diferentes. E são essas diferenças que devem ser valorizadas e respeitadas, pois são elas que nos tornam criaturas tão fascinantes.



Imagem retirada da internet. Fonte: amorpelafotografia.com

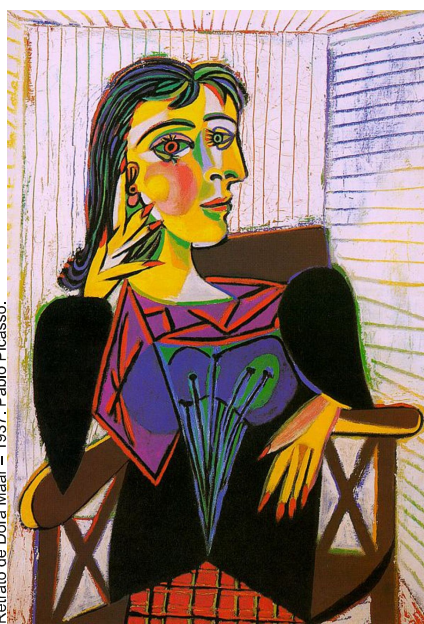


Imagem retrada da internet.

O lugar de gênero é na escola

Bom, agora você sabe um pouco mais a respeito das questões de gênero e do corpo biocultural. No entanto, você deve estar se questionando: "Mas como eu posso abordar esses temas em sala de aula?" Ou "Como sensibilizar os estudantes para que eles consigam lançar um olhar mais críticos sobre as diferenças existentes? Calma, não se desespere! Afinal, esses fios de cabelos que você pensou em arrancar lhes serão úteis no futuro. Ao longo das próximas páginas, lhes serão dadas algumas sugestões para que você possa introduzir gênero em suas aulas. Essas propostas devem ser trabalhadas em conjunto com o ensino do corpo humano, mas podem ser associadas a outros conteúdos que você julgar propício. Porque o corpo humano e não qualquer outro assunto? De todos os assuntos

nas aulas de Ciências, o corpo humano talvez seja o mais negligenciado. Não por ser ensinado



Retrato de Dora Maar – 1937. Pablo Picasso.

de modo errôneo, mas sim incompleto – citam-se apenas as características biológicas e não julgam necessário utilizá-lo como

uma ferramenta para combater o preconceito seja ele, religioso, racial de gênero etc. No entanto, questões de gênero podem ser discutidas a partir do livro de didático, por exemplo. Você já parou para observar as imagens que há no livro didático utilizado pela escola? Como são essas imagens? Nelas, de que maneira as mulheres são representadas? Ou seja, quais são os espaços permitidos as mulheres? Essa é uma excelente oportunidade para fazer com que os estudantes, principalmente as meninas, reflitam sobre a organização social na qual eles e elas estão inseridos. Se assim o fizer, você estará discutindo gênero sem se quer falar sobre sexualidade. Viu? Gênero não é nenhum bicho de sete cabeças! Abaixo estão outras sugestões que podem ser desenvolvidas por você e pelos demais estudantes.

O CORPO HUMANO: COMO VOCÊ O VÊ?

(Recomendado para 8º ano)

Objetivo: desconstruir a visão do corpo humano como sendo uma máquina, pois desse modo as questões históricas, culturais e sociais são negligenciadas em detrimento das questões biológicas, impedindo que os estudantes possam ter uma visão mais aprofundada sobre os demais aspectos que compõem os corpos biologizados.

Materiais: aparelho de datashow, um computador e um vídeo no qual o corpo humano seja tratado como uma máquina. Sugiro a animação "*Der Mensch als Industriepalast*" de Henning M. Lederer e com arte de Fritz Kahn, disponível no *youtube*. No entanto, pode ser qualquer outro vídeo ou imagem que você julgue mais apropriados.

Procedimento: Primeiro, exiba o vídeo para os estudantes. Em seguida, faça alguns questionamentos para despertar o imaginário dos jovens, tais como: "Vocês concordam que o corpo humano é uma máquina?"; "Será que existe diferença entre os corpos de meninas e meninos, caso eles fossem representados como uma máquina?"; "E

como seriam essas diferenças?" Deixo-os falarem à vontade, tente não os influenciar em seu processo criativo. Após um período de discussão livre, peça para os estudantes realizarem a sua própria versão do corpo humano como uma máquina. Para facilitar o desenvolvimento da atividade, você deverá imprimir os contornos dos corpos de homens e mulheres e pedir-lhes para desenhar dentro desses contornos como eles imaginam que seriam. Deixe-os livres para escolherem entre os dois desenhos disponíveis.

Delimite um período de tempo para que eles e elas possam realizar a atividade. Posteriormente, peça para cada estudante apresentar o seu modelo de corpo humano. Faça as seguintes perguntas: "Porque você escolheu este (se referindo ao contorno do homem ou o da mulher)"; "Se ambos fossem máquinas, haveria de fato algum fator que os diferenciariam?". Deixe que os estudantes falem sobre suas percepções acerca do assunto. Em seguida, retome sobre as questões de gênero.

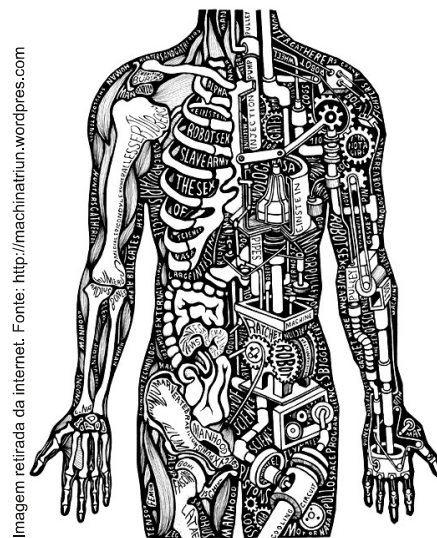
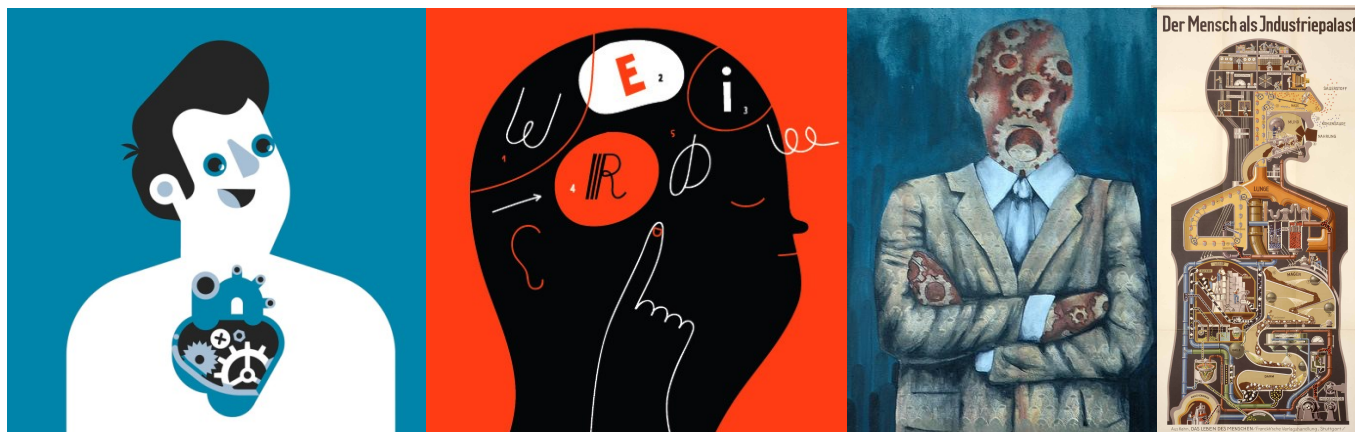


Imagem retirada da internet. Fonte: <http://machinatum.wordpress.com>

Peça-os para que eles enumerem as diferenças entre meninos e meninas a partir de características corporais.

Medeie as discussões a respeito. Questione as meninas a respeito do que há no corpo delas que a fazem ser mulheres, o mesmo deve ser feito com os meninos. É bem provável que características como os sistemas reprodutores sejam abordados. No entanto, procure sempre dissociar essa imagem de identidade de gênero as genitálias. Essa atividade é importante para que os estudantes identifiquem que questões sociais, históricas e culturais também são responsáveis para produzir as noções do que significa ser homem ou ser mulher. De modo que, o corpo não seja mais encarado simplesmente como uma máquina, mas sim para que o estudante possa vê-lo em profundidade.



Imagens retiradas da internet.

QUAIS CARACTERÍSTICAS NOS DEFINEM COMO HOMENS OU MULHERES?

(Recomendado para 8º ano)



Oliver Mastalerz, homem trans. Imagem retidada da internet.

Objetivo: possibilitar reflexões a respeito das características que nos dividem em homens e mulheres. Explicar as relações de poder criadas e mantidas pela nossa organização social. Desconstruir a ideia de que o órgão genital nos definem como pertencentes aos universos masculinos ou femininos.

Materiais: datashow; computador; ou pode trazer alguns recortes de revistas com as imagens de pessoas trans, tanto de homens trans quanto de mulheres trans (como as imagens que constam nessa página); cartolina, ou folha A4; lápis; borracha.

Procedimento: separe os estudantes em grupos mistos (meninos e meninas), de modo a ficarem grupos heterogêneos. Entregue uma folha de cartolina ou de A4 para cada um dos grupos. Em seguida exiba as imagens por meio de um aparelho de datashow, ou entregue a cada um dos grupos duas imagens de pessoas trans (um homem e uma mulher). De preferência diversas imagens diferentes para que os estudantes possam saber da diversidade existente. Não diga nada aos estudantes a respeito da

identidade de gênero das pessoas das fotos. Em seguida, instrua-os da seguinte forma: façam duas colunas, uma para cada imagem.

Depois classifiquem as pessoas na imagem. Quem é o homem e quem é a mulher? Uma vez escolhidos, criem um nome para cada um dos personagens e ponha-o na sua respectiva coluna. Em seguida ponham as características pelas quais vocês classificaram-nos, ou seja, possui barba, cabelo curto, cabelo longo, é musculoso, tem seios etc. Delimite um período de tempo para que eles possam debater sobre essas características entre o seu próprio grupo e os demais. Após esse intervalo de tempo, peça-os para apresentarem os seus trabalhos para a classe. Questione-os sobre o motivo de eles terem escolhido do modo que escolheram e peça-os para falar as características que os fizeram deliberar sobre tal. Não se pronuncie a nenhum momento sobre as pessoas representadas.

Ao final da apresentação do último grupo, inicie alguns questionamentos, tais como: "toda mulher possui uma vagina?"; "Para ser considerado homem o indivíduo deve apresentar um pênis?"; "Cabelo longo é uma característica feminina?". Deixe-os refletirem a respeito das questões levantadas em sala. Provavelmente haverá um intenso debate entre eles próprios e com você sobre as perguntas feitas. Esse é o momento propício para falar que as pessoas nas fotos são indivíduos trans. Questione-os se eles sabem do que se trata. Tente sondar qual é a sua concepção

sobre o tema. Após ouvir as respostas de todos, eles e elas, fale-os que esses homens que eles descreveram tem vagina e que as mulheres possuem pênis. Enfatize que isso não os fazem mais ou menos mulheres, eles e elas apenas são pessoas trans, ou seja, que nasceram em uma identidade de gênero destoante daquela que se identificam. Em seguida diga-os que ser homem ou ser mulheres não tem a ver com os órgãos genitais, mas sim com modelos estabelecidos socialmente. Faça-os refletirem sobre as seguintes situações: caso os homens sempre tivessem usado cabelos compridos e as mulheres curtos, hoje qual seria o padrão dos homens e das mulheres? Ou se eles sempre tivessem usado saias ao longo do tempo e às mulheres fosse proibido a peça, caso elas tentassem usá-la, como elas seriam encaradas pela sociedade?

Conte-os a respeito do salto alto, "algo tão feminino", não é mesmo? Inicialmente, eram os homens que os usavam. Não qualquer homem, claro! Mas os burgueses. As mulheres vieram adotar a peça muito tempo depois. Após toda a discussão, deixe claro que devemos respeitar e chamar a pessoa pelo pronome que ela se identifica. Pois não nascemos homens ou mulheres, mas nos tornamos com o passar do tempo. Essa atividade é importante para que os estudantes ampliem a sua visão de mundo sobre gênero, sexualidade, bem como a respeito das relações de poder existentes.



Lea T, mulher trans. Imagem retidada da internet.

"COISAS DE MENINO" VERSUS "COISAS DE MENINA"

(Recomendado para Ensino Fundamental I)

O bjetivo: refletir sobre a anatomia de meninos e meninas. Relacionando-as com as brincadeiras infantis. Ou seja, ser mulher impede de jogar futebol, ou ser homem é um empecilho para brincar com bonecas?

Materiais: objetos como bola, boneca, carrinho, pipa, casa de bonecas, ou qualquer outro brinquedo que "são" signos "masculinos" e "femininos". Ou ainda trazer alguns recortes de revistas nos quais esses símbolos estejam representados.

Você deve estar se questionando qual é a relação entre o corpo humano, os brinquedos e as brincadeiras, não é mesmo? Pois bem, brincar é um comportamento e, como tal, só pode ser realizado por um indivíduo possuidor de um corpo, no qual interage com um objeto (o brinquedo). Portanto, brincar é uma extensão do corpo. Outro aspecto se dá no campo social, pois os jogos são uma forma de controle de modo que, as brincadeiras são naturalizadas como pertencentes ao universo de um determinado gênero.

Procedimento: mostre os objetos para as crianças ou exibe as imagens destes. Faça uma tabela no quadro e divida-a



Imagem retidada da internet.

em duas colunas. Na primeira ponha o nome "menina" e na segunda "menino". Em seguida pergunte aos estudantes quais dos objetos "são de meninos ou de meninas". Faça algumas provocações quando, por exemplo, mostrar uma boneca ou um carrinho, tais como: "Tem certeza que boneca não é coisa de menino?" Ou "Carrinho é mesmo um brinquedo para menino?". Após enumerar todos os objetos em suas respectivas colunas, seguindo as sugestões dos estudantes, faça as seguintes questões: "Por que um menino não pode brincar com bonecas?" Ou "Por que as meninas não podem jogar futebol?"

"Existe, de fato, alguma diferença anatômica que os impeça de fazê-lo?". Em seguida, discorra: "meninas têm dois braços, duas pernas, uma cabeça, dois olhos, uma boca, duas

mãos, dois pés, não tem?" (Exceto se houverem pessoas com deficiência). Aguarde pelas respostas – indubitavelmente, as respostas serão afirmativas. Faça-os refletirem sobre tal. Em seguida mostre fotos de meninos brincando de bonecas e meninas jogando futebol para que eles vejam que não é algo impossível de ser feito. Continue os questionamentos: "É certo ou errado um menino brincar de boneca?" Ou "É certo ou errado uma menina jogar futebol?"

Continue o diálogo de modo que eles e elas possam compreender que não existem brincadeiras exclusivas para nenhum dos gêneros, mas sim há regras sociais, ou seja, não naturais, que regem essas interações. Moldando os comportamentos de todos. Essa atividade é importante para despertar nas crianças um senso de respeito com os que "não se enquadram na norma", bem como possibilitar uma mudança de visão de mundo, encarando-o de modo plural.



Imagem retidada da internet.

COMO EU VEJO O OUTRO?

(Recomendado para Ensino Fundamental I)



O bjetivo: discutir sobre as características impostas aos corpos de meninos e meninas, bem como compreender a visão que os estudantes possuem sobre os trejeitos que meninos e meninas são ensinados a performatarem.

Materiais: folha de papel A4; lápis de colorir ou giz de cera ou ainda tinta guache (no caso da última opção, serão necessários pincéis); lápis e uma borracha.

Procedimento: peça para as crianças desenharem o corpo diferente do seu, ou seja, caso seja um menino, deverá desenhar o de uma menina e vice-versa. Instrua-os a deixarem explícitas as características que eles julgarem as mais importantes – ou que os definam como tal. Pode ser, por exemplo, mamas, comprimento do cabelo ou mesmo as genitálias. Deixe-os trabalharem por um período de tempo determinado. Em seguida troque os desenhos entre os pares, ou seja, os feitos pelas meninas devem ser trocados com os efeitos com os meninos.

Uma vez feito isso, separe a turma em grupos

(quantos julgar necessário) de meninos e meninas – embora o autor não goste dessa segregação feita a partir dos gêneros, para essa atividade faz-se necessário, pois o intuito é justamente evidenciar como eles se veem como indivíduos pertencentes a um determinado gênero. Em seguida, deixe-os discutirem livremente entre os grupos. Após um período determinado de tempo, peça-os para falar se eles concordam ou não com as representações feitas pelo o outro.

Inicie a discussão com algumas questões: "Você se sente representado nesses desenhos?"; "Qual característica presente nesse desenho que você considera a mais marcante?" Ou "Você acha que está faltando algo nesse desenho. Se sim, o quê?". Essas perguntas servem

para estimular o senso crítico dos estudantes. Faça com que eles reflitam sobre os comportamentos que eles possuem, tais como, chorar, dançar, gritar ou

mesmo sobre preferências, como, por exemplo, por cores, brincadeiras etc. Questione-os sobre os canais lacrimais. Se meninos e meninas possuem essa estrutura, porque os meninos não podem chorar? Explique que isso é imposto pela sociedade, pois o homem deve ser sério e forte o suficiente para ocupar os cargos de liderança. Desse modo, essa atividade discute essas questões impostas aos corpos dos jovens. Nela, deve ser reafirmado que as mulheres são capazes de fazer tudo o que quiserem. Esses momentos são valiosos para que, por meio dos debates em sala de aula, os estudantes possam compreender que os comportamentos que eles têm não são algo natural, mas sim naturalizados pela sociedade e, que por isso mesmo, podem ser alterados com passar do tempo.

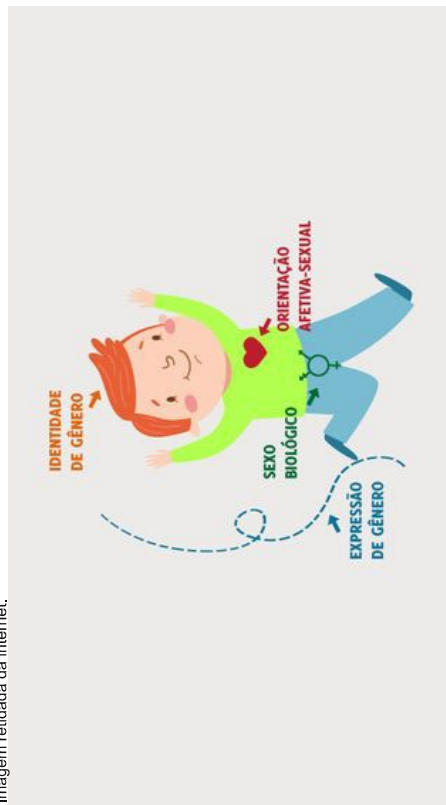


Imagem retidada da internet.

Imagem retilhada da internet.



Imagem retilhada da internet.



Identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico são três âmbitos independentes entre si, mas que nos constitui enquanto indivíduo!

- É um menino ou uma menina?
- É um ser humano!

Muriel Total (Cartunista Laerte).



Existe um jeito de se vestir de "viado" ou de "macho"? Claro que não! Esses critérios são deliberados pela sociedade.

Muriel Total (Cartunista Laerte).



Respeite as pessoas trans! Chame-as pelo seu nome social. Não seja deselegante.

ALGUMAS REFLEXÕES...

Muriel Total (Cartunista Laerte).



Infelizmente, a violência e o preconceito é algo presente na vida de pessoas LGBT.

Muriel Total (Cartunista Laerte).



Desde a primeira infância somos treinados a exercer o gênero a nós imputado ao nascermos.



Liniker. Foto retirada da internet.

Por que a sexualidade ou identidade de gênero incomodam tanto?

ALGUMAS REFLEXÕES...

← CRIANÇAS PRIVILEGIADAS E ACEITAS →



Menina hétero, dentro dos padrões conservadores do que é ser menina



Menino hétero, dentro dos padrões conservadores do que é ser menino

ATIVIDADES DE MENINA



FAMÍLIA REPRESENTADA NOS LIVROS



ATIVIDADES DE MENINO

como é uma escola que não fala sobre gênero?

← quem não cumprir com os padrões "normais" não terá acolhimento →

a menina trans quer ser chamada pelo nome de menina, mas é ignorada



MAS EU SOU SARA!

este menino gosta de balé, por isso é chamado de bicha e excluído pelos colegas



esta menina adora brincar com carros e sofre bullying por gostar de futebol



este menino é filho adotivo de um casal gay, mas sua família não está nos livros.



INJUSTO, NÉ?



Imagem retirada da internet.



Para Saber Mais!

Livros:

Gênero, Sexualidade e Educação. Autora: Guacira Louro Lopes. Editora Vozes, 2014. 16ª edição.

Problema de Gênero: feminismo e subversão de identidade. Autora: Judith Butler. Editora Civilização Brasileira, 2015. 8ª edição.

A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola. Cadernos da Diversidade. Autor: Marco Antonio Torres. Editora Autêntica, 2010. 2ª edição.

O segundo sexo. Volumes I e II. Autora: Simone de Beauvoir. Editora Difusão Europeia, 1970. 2ª edição.

História da sexualidade I: a vontade de saber. Autor: Michel Foucault. Editora Graal, 2009. 19ª edição.

História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Autor: Michel Foucault. Editora Graal, 2003. 10ª edição.

Artigos e Revistas:

Estudos Feministas.

Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-026X&lng=en&nrm=iso

American Psychologist Association. Guidelines for psychological practice with lesbian, gay, and bisexual clients. American Psychologist, v. 67, n. 1, p.10-42, 2012. American Psychological Association (APA). Disponível em:

www.apa.org/pubs/journals/features/amp-a0024659.pdf

SCOTT, J. Gender: a useful category of historical analysis.

The American Historical Review. Oxford, v. 91. n. 5, p. 1053-1075, 1986.

Disponível em:

<https://genderstudiesgroupdu.files.wordpress.com/2014/07/scott-gender.pdf>

CARVALHO, M. P. **O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula.** Revista Educação Pública. Cuiabá. v. 21. n. 46, p. 401-412, 2012.

Disponível em:

<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/416/381>

Contato do autor:
michelleitte@gmail.com

Sobre a capa

Na capa dessa cartilha há diversos elementos que simbolizam o universo não binário. As cores remontam às da bandeira do movimento LGBT. Os triângulos invertidos fazem alusão ao símbolo que os homossexuais judeus eram forçados a carregar no peito durante a Segunda Guerra Mundial na Alemanha nazista, as mulheres portavam o triângulo de cor roxa e os homens de cor rosa. Outro elemento presente no texto dessa cartilha, que está representado na capa pelo o esqueleto, é o corpo biocultural. O movimento gracioso protagonizado por ele, faz uma menção ao ensino do corpo humano de modo não tradicional, ou seja, não apenas os aspectos biológicos são considerados, mas também os históricos, culturais e sociais.

